

O alvorecer da liberdade haitiana em os jacobinos negros, de Cyril Lionel Robert James

The joy of Haitian freedom among the black Jacobins, by Cyril Lionel Robert James

Silva de Jesus Hernández Francisco das Chagas¹

Professordjesus.2013@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-5420-0679>

Unidade Escolar Otavio Falcão. Porto-Piauí, Brasil

Resumen.

O alvorecer da liberdade haitiana, tratada na obra “Os jacobinos negros” de C.L.R. James, em 1938, foi um feito heroico realizado pelos africanos escravizados na colônia francesa de São Domingos a partir de 1791. A Revolução haitiana é explicada por James na encruzilhada entre o intertravamento nos processos implantados na ilha pela promessa de igualdade da república burguesa, da história de segregação racial e da resistência dos negros à escravidão. Nesse contexto, o presente ensaio tem como propósito discorrer sobre o processo revolucionário haitiano na obra Os jacobinos negros, bem como suas repercussões no mundo colonial escravagista pós-emancipação. Teoricamente, este trabalho se fundamenta nos aportes de Bhabha (2003), Castañeda (2017), Césaire (1971), Dussel (1993), Fanon (1952, 1968), (Hurbon (1987), James (1938, 2000, 2010) Trouillot (1990, 1995). Assim, a libertação haitiana deu-se em função das contradições existentes em São Domingos e configurou-se num movimento de caráter político, econômico e social, visando estabelecer uma ordem sobre bases democráticas. Os resultados dos fatos ocorridos apontam que os escravizados vivenciaram os piores horrores e crueldades causado pelos opressores. Por isso, a obra estudada permite considerar que, com o sistema colonial tão violento, pudesse contribuir com o inimaginável aos colonizadores, que o Haiti conseguisse sua liberdade, a partir de uma revolução iniciada e conduzida por escravizados em 1804, um marco mundial, embora a abolição da escravidão e a criação de estados pós-coloniais não provocaram igual liberdade e bem-estar para todos os haitianos.

Palabras clave: C.L.R. James; os Jacobinos negros; colonialismo; escravização; revolução haitiana.

Abstract.

The dawn of Haitian freedom, dealt with in C.L.R. James' 1938 work “The Black Jacobins”, was a heroic deed carried out by enslaved Africans in the French colony of Santo Domingo from 1791. The Haitian Revolution is explained by James at the crossroads between the interlocking processes implemented on the island by the bourgeois republic's promise of equality, the history of racial segregation and black resistance to slavery. In this context, the purpose of this essay is to discuss the Haitian revolutionary process in The Black Jacobins, as well as its repercussions in the post-emancipation colonial slave world. Theoretically, this work is based on the contributions of Bhabha (2003), Castañeda (2017), Césaire (1971), Dussel (1993), Fanon (1952, 1968), Hurbon (1987), James (1938, 2000, 2010), Trouillot (1990, 1995). Thus, Haitian liberation took place because of the contradictions that existed in Santo Domingo and was a political, economic and social movement aimed at establishing an order on democratic bases. The results of the events that took place show that the enslaved experienced the worst horrors and cruelties caused by their oppressors. For this reason, the work studied allows us to consider that, with the colonial system so violent, it could contribute to the unimaginable for the colonizers, that Haiti achieved its freedom, from a revolution initiated and led by enslaved people in 1804, a world milestone, although the abolition of slavery and the creation of post-colonial states did not bring about equal freedom and well-being for all Haitians.

Keywords: C.L.R. James; the Black Jacobins; colonialism; enslavement; Haitian revolution.

1 Introdução

Para maior compreensão da obra Os jacobinos negros de C. L. R. James, deve-se levar em conta o contexto em que foi escrito: descrédito do liberalismo, auge do nazi-fascismo e predominância das teorias eugênicas. Tal cenário motivou o autor supracitado a escrever um texto, que denunciava o estado de opressão em que viviam os africanos e seus descendentes, fosse na África ou em outras partes do globo, como em todo o Caribe,

mais precisamente na ilha de São Domingos, atual Haiti, tornando a posteriori leitura obrigatória para estudos sobre a diáspora Africana. Por isso, o presente artigo tem como propósito discorrer sobre o processo revolucionário haitiano na obra *Os jacobinos negros*, bem como suas repercussões no mundo colonial escravagista pós-emancipação política do país.

Cyril Lionel Robert James era de Trinidad e Tobago onde nasceu em 04 de janeiro de 1901, ele foi uma pessoa privilegiada, pois parte de sua infância e juventude teve uma formação educacional de qualidade, até chegou a praticar o esporte de elite na época, como o Cricket. Ele era uma pessoa apaixonada pela leitura e com apenas 19 anos, teve a oportunidade de ser professor de literatura em um colégio renomado em seu país, The Royal Queen's college. Com o passar do tempo, tornou-se historiador, romancista e jornalista. Em 1938 James, residindo em Londres, publica "Os jacobinos negros" (*The black jacobins*), a obra refere-se à revolução negra de São Domingos e a relação com a principal liderança, Toussaint L'Ouverture. Na década de 1980 retorna a Trinidad onde faleceu em 1989, deixando como legado, uma produção acadêmica respeitada e de imensurável referência para estudos nas ciências humanas, bem como, um exemplo de vida marcado pela entrega a militância e a seus ideais.

Na busca por cumprir o objetivo deste artigo aqui apresentado, utiliza-se uma metodologia de natureza básica com abordagem qualitativa e análise descritiva. De acordo com Demo (1987), a metodologia é uma preocupação instrumental, que trata de o caminho para a ciência tratar a realidade teórica e prática e centra-se, geralmente, no esforço de transmitir uma iniciação aos procedimentos lógicos voltados para questões da causalidade. Assim, a libertação haitiana deu-se em função das contradições existentes em São Domingos e configurou-se num movimento de caráter político, econômico e social, almejando estabelecer uma ordem sobre bases democráticas.

A obra *Os jacobinos negros* de C.L.R. James, a pesar de ter sido publicada pela primeira vez na Inglaterra em 1938, James já havia escrito sobre o mesmo assunto antes de deixar Trinidad em 1932. Sua inquietude surgiu a partir de leituras e escutas a respeito da perseguição e da opressão aos africanos na África, Rota do meio, Estados Unidos e em todo o Caribe, convencendo-se da necessidade de escrever. O mesmo, destemidamente, uti-

liza ardentes sentimentos pessoais, como: senso de justiça, o amor à liberdade, admiração pelo heroísmo e o ódio pela tirania. Sua obra guarda um interesse profundo e imorredouro, “uma estonteante narrativa de uma revolução que influenciou extraordinariamente a história dos Estados Unidos anterior à Guerra Civil”. “Uma das mais admiráveis e pungentes escrituras contra a escravização e o racismo jamais publicado”.

A presente pesquisa se justifica a partir do ponto de vista do contexto sócio histórico, político e econômico em que os africanos foram submetidos à barbárie da escravização colonial em São Domingos. Escrita no clímax da dominação nazista e do predomínio das teorias de supremacia racial banca em todo o mundo, Os Jacobinos negros é uma obra que desmistifica muitas narrativas tradicionais sobre a revolução haitiana ao mostrar a função histórica da escravização e a função social da opressão do negro africano. Ela é reveladora, um tratado histórico do drama atual do Haiti. Os africanos ou seus descendentes, constantemente vítimas e “objetos” da exploração e da crueldade de outros povos, estavam eles mesmos agindo em larga escala e mobilizando outras gentes conforme suas próprias necessidades. Além do mais importante a saber: foram os próprios escravizados que fizeram a Revolução, a qual acabou conduzindo a colônia caribenha à independência, sob o nome de Haiti em 1804.

1.1 Da barbárie ao genocídio: os horrores do tráfico africano no processo de colonização no Haiti

Em 1625 com a chegada dos franceses e mais tarde, em 1627 a parte ocidental da ilha, atualmente o Haiti, foi concedida, oficialmente, à França pela Espanha, iniciando-se assim, a intensificação do regime da *plantation*, modelo de exploração de terras baseado na monocultura de exportação em sistemas agrários e a exploração da mão-de-obra escrava, a qual foi assediada maciçamente neste período de transição na colônia rebatizada para Saint Domingue. Esse reforço demandado do emprego da mão-de-obra africana constante, deu-se ao fato de que os escravizados eram intensamente obrigados a trabalhar até a morte. Dessa forma, milhares desembarcavam a cada ano. A colônia tornou-

se, em uma população de mais de meio milhão de negros africanos submetidos a escravidão, vinte e oito mil mulatos livres chamados de livres de cor e aproximadamente trinta mil brancos controlando o sistema.

A ilha de São Domingos desenvolve-se imensuravelmente em meio aos horrores da escravização, considerada a mais rica colônia europeia de todos os tempos, representava mais de um terço da economia estrangeira da França e indispensável para a manutenção da sociedade europeia, encarregada pela metade da produção mundial de açúcar e café, o que era uma grande máquina capitalista da época. Essa era uma constante imagem dos escravizados nas plantações de açúcar, mão- de -obra imposta a um trabalho incessante e árduo, o que não trazia surpresa a constatar que a expectativa de vida de um sujeito escravizado era de três anos em meio a isso. Tendo em vista, uma terra tropical, fortemente assolada pelo sol e cercada de insetos nos plantios, fazia-se necessário cavar uma grande vala para garantir a circulação do ar das canas de açúcar. Cana era ceifada em qualquer época do ano e crescia.

Dessa maneira, a colheita de uma safra era sinal para a escavação imediata de grandes valas e a plantação de outras. Em seguida os feixes cortados e retirados, eram levados para a fábrica, para a fermentação. Para a extração do suco e a fabricação da matéria prima do açúcar duravam três semanas por mês, divididos por 16 ou 18 horas por dia, durante sete ou oito meses ao ano e as horas que tinham de “descanso” nos ínfimos intervalos de trabalho compulsório, era para cultivar rações, o que muitos desprezavam por extremo cansaço ou pela prática comum entre os escravizados de todas as partes de provocar em si mesmos exaustão até a morte, era uma crença popular porque muitos acreditavam que a morte iria levá-los de volta a África ou preferiam a morte ao invés da escravidão, pois as condições de vida e estada eram subumanas. Os alojamentos onde eles ficavam eram em cabanas construídas entorno de uma praça, sem janelas, o chão era de terra batida, a luz entrava apenas pela porta e a cama feita de palha, peles ou quaisquer artifícios que pudesse amarrar. Mal alimentados, a comida era inutritiva, além de insuficiente, mal dava para sobreviverem. Muitos morriam de desnutrição e fome, sem falar em outras doenças provocadas pela opressão.

O destino do imensurável contingente de negros, trasladados como objetos da África para as Américas, não seria ao contrário daquele vivido por milhares de nativos durante

os primeiros anos de invasões. A insensatez dos colonizadores, movida pela ganância incontrolável por riquezas, fez com que meio milhão de negros do continente africano fossem traficados, escravizados, vendidos, e transportados para o continente americano sob condições inumanas, para perecerem sob o flagelo do látigo, no cultivo das plantations, criando um verdadeiro inferno no Caribe, dando lugar a uma tragédia que deixaria traumas irreparáveis. Na obra *Os Jacobinos negros*, assim descreve (James, 2010):

Os escravos eram colhidos no interior, amarrados juntos uns dos outros em colunas, suportando pesadas pedras de 20 ou 25 quilos para evitar as tentativas de fuga; então, marchavam uma longa jornada até o mar, que, algumas vezes, ficava a centenas de quilômetros e, esgotados e doentes, caíam para não mais se erguer na selva africana. Muitos eram carregados até a margem em pequenos botes, jogados na base dos barcos por dias sem fim, com as mãos acorrentadas, os rostos para ao sol e a chuva tropical e com as costas na água que nunca era retirada do bojo dos barcos. Nos portos de escravos, eles permaneciam amontoados em um cercado para a inspeção dos compradores. Dia e noite, milhares de seres humanos eram apinhados em minúsculas galerias nos "depósitos de putrefação", onde nenhum europeu conseguiria permanecer por mais de quinze minutos sem desmaiar. Os africanos ora desfaleciam-se, ora recuperavam-se ou então, morriam. As quantidades de óbitos naqueles "depósitos" tinham um índice elevadíssimo. Do lado de fora, no porto, esperando para esvaziar os "depósitos" assim que eles enchiam, ficava o capitão do navio negreiro, com a consciência tão limpa que um deles, enquanto enriquecia o capitalismo britânico com os lucros de uma outra remessa, enriquecia também a religião britânica ao compor o hino "Como soa do o nome de Jesus!" (James, 2010, p. 22).

Através da narrativa de James, parece surreal, difícil de acreditar que todo esse pesadelo foi verídico, um massacre criminoso de vidas humanas pensado, planejado e executado. "Nenhum lugar na Terra, observou um escritor da época, concentrou tanta miséria quanto o porão do navio negreiro". E, ainda (James, 2010), continua:

Nos navios, os escravos eram espremidos nos porões uns sobre os outros dentro de galerias. A cada um deles era dado de um metro a um metro e meio apenas de comprimento e de meio metro a um metro de altura, de tal maneira que não podiam nem se deitar deitado e nem se sentar com a postura reta. Ao contrário das mentiras que foram espalhadas tão insistentemente sobre a docilidade do negro, as revoltas nos portos de embarcação e a bordo eram constantes. Por isso os escravos tinham de ser acorrentados: a mão direita a perna direita, a mão esquerda a perna esquerda, e atrelados em colunas a longas barras de ferro. Nessa posição eles permaneciam durante a viagem, sendo levados ao tombadilho uma vez por dia para se exercitar e para permitir que os marinheiros "limpassem os baldes". Mas, quando a carga era rebelde ou o tempo estava ruim, eles permaneciam no porão por semanas. A proximidade de tantos corpos humanos nus com a pele machucada e supurada, o ar fétido, a disenteria generalizada e a acumulação de imundícies tornavam esses buracos um verdadeiro inferno. Durante as tempestades, os alçapões eram pregados com tábuas e naquela fechada e repugnante escuridão eles eram arremessados de um lado a outro pelo balanço do navio, mantidos na mesma posição pelas correntes nas suas carnes sangrentas. (James, 2010, p. 22-23).

A violenta colonização, de acordo com as palavras de Fanon (1968, p. 9), iria “desumanizá-los [...] liquidar as suas tradições [...] substituir a língua [...] destruir a sua cultura [...] embrutecê-los pela fadiga”. É impossível imaginar todo esse genocídio, causado por ganância, poder e dominação nas Américas e Caribe, especialmente, na colônia francesa de São Domingos, atual Haiti. Dessa forma, vale ressaltar que esses crimes cometidos contra os negros africanos nos porões dos navios negreiros, foi “um sonho dantesco”. Pois o que os colonizadores fizeram foi submeter os africanos a situações humilhantes, degradantes e cruéis em um cenário de horror e extermínio desde seu tráfico. James (2010), detalha ainda esse terror:

Para avivar-lhes os ânimos, tornou-se costume leva-los ao tombadilho uma vez por dia e obriga-los a dançar. Alguns aproveitavam a oportunidade para pular ao mar gritando em triunfo enquanto se afastavam do navio e desapareciam sob a superfície. Por medo da carga, uma crueldade selvagem se desenvolvia na tripulação. Um capitão, para

inspirar terror nos escravos, matou um deles e repartiu seu coração, seu fígado e suas entranhas em trezentas panes, obrigando os outros escravos a come-las, ameaçando aqueles que não o fizessem com o mesmo suplício. Esses sucessos não eram raros. Devido as circunstancias, tais acontecimentos eram, e são, inevitáveis. Tampouco o sistema poupava os traficantes de escravos. Todos os anos, um quinto daqueles que tomavam parte no tráfico africano morria. (James, 2010, p. 23-24).

Esse ato de criminalidade que assumiu a colonização e os movimentos revolucionários que levaram à independência do Haiti, materializa-se quando se percebe que as tragédias que se assolaram sobre uns e outros diferiram, muitas vezes, apenas pela gradação, pois o modus operandi, ao que parece, foi sempre o mesmo: dominar, escravizar e destruir. Sempre houve, por parte do colonizador, um propósito de se afirmar, em detrimento e a partir do outro. O discurso colonial se baseia na demarcação das diferenças, em um processo maniqueísta no qual a inferiorização do colonizado negro implica, necessariamente, a valorização do colonizador branco apoiando-se na diferença do “outro” e no repúdio de si mesma. O “outro”, colonizado, jamais foi visto em sua diferença, mas em seu apoucamento; em sua falta de semelhança criou-se um inconveniente de identidade que parece estar distante de chegar ao fim, o racismo. Como afirma Babha, “o discurso colonial produz o colonizado como uma realidade social que é ao mesmo tempo um “outro” e ainda assim inteiramente apreensível e visível” (Babha, 1998, p. 111). Deste modo, inventa-se um sistema de representação que nega ao “outro” qualquer pensamento de alteridade. A presumida essência negra que concomitantemente deleta e assinala a diferença, é subordinada desse equívoco, ou seja, desse histórico jogo de interesses.

A conquista e a colonização da América levaram, em instância extrema. De acordo com Scaramal, à implantação de uma ordem “[...] unívoca e monovalente, dominante e unidimensional” (Scaramal, 2006, p. 13), orientada, quase sempre, por um racismo radical e brutal. Contudo, esses movimentos resultariam, por um lado, no crescimento de uma representação inferiorizada e bestial do não-europeu, sobretudo do negro africano escravizado, e, por outro, na afirmação de um ideal eurocêntrico de civilização, em que a

“identidade branca” passa a ser considerada “a identidade”, única e natural, avaliada segundo (Popkin, 2008, p. 295) como “a mais significativa [que] alcançou dimensões históricas imensas, estendendo-se das viagens de descoberta e do início da escravidão no Mundo Atlântico [...] até o mundo pós-colonial dos nossos dias”.

Com essas demarcações tornam-se ainda mais rígidas à medida que o contraste epidérmico se acentua, pois, o negro africano, capturado, feito escravo, vendido e trasladado para a América, surge como um integrante que vai tornar mais luzente os menores matizes raciais. Nesse contexto, um discurso essencialista indenitário, de embasamento histórico nas ciências biológicas – ao menos nestes primeiros momentos – que justificasse, e, em alguns casos, todavia ainda busque justificar, todo infortúnio a que eles foram submetidos. A definição desse discurso foi sempre seguida pela exacerbação da violência e da brutalidade, procurando alentar, assim, não só o corpo, mas, sobretudo, a mente do colonizado.

Dentro dessa visão absurda e dos ideais que a norteiam, restará ao negro africano escravizado, e à história que se constrói a partir de seus movimentos e suas ações, um papel secundário e ideologicamente marcado e, ao mesmo tempo, negado. Segundo D’Adesky, “Essa negação por indiferenciação racial do negro é acompanhada de uma segunda negação, de tipo cultural. O negro não somente é negado em sua raça, mas também em sua história, em sua língua, em sua arte etc.” (D’adesky, 2001, p. 70). O racismo e a indiferença para com o outro encontram sua agonia em São Domingos colonial.

Os africanos escravizados utilizavam-se, frequentemente, das mais diversas astúcias para tentar fazer frente à desumana opressão a que estavam submetidos. O suicídio, o envenenamento e os crimes de morte cometidos contra seus amos, e sobretudo a fuga, constituíam os principais meios empregados na resistência. Os escravizados que fugiam para as montanhas ou lugares totalmente desabitados para viverem em comum, em relativa liberdade – tornavam-se, símbolos emblemáticos de resistência e da luta pela liberdade.

Dessa forma, é crucial o ponto em que se iniciou a mais importante Revolução escravizada que o mundo já conheceu. É preciso compreender que essa Rebelião não foi um

ato impulsivo, que se deu de um momento para outro, mas foi estrategicamente planejado e organizado, pois os opressores brancos jamais imaginariam que negros tivessem inteligência para tanto, já que como afirma James, “esses brancos menosprezavam demais os escravos para acreditar que fossem capazes de organizar um movimento em larga escala”, (James, 2010, p.92).

Na obra *Peles negras, máscaras brancas* (1952), Fanon esclarece que o meio social não está isento da influência humana e que é pelo ser humano que a sociedade chega a ser, um tipo de “reificação” que a alienação colonial se expressa na “invenção” do ser negro pela perspectiva negativa do outro com uma certa “coisificação”:

“Olhe, um preto! ” Era um stimulus externo, me futucando quando eu passava. Eu esboçava um sorriso. “Olhe, um preto! ” É verdade, eu me divertia. “Olhe, um preto! ” O círculo fechava-se pouco a pouco. Eu me divertia abertamente. “Mãe, olhe o preto, estou com medo! ” Medo, medo! E começavam a me temer. Quis gargalhar até sufocar, mas isso tornou-se impossível (Fanon, 1952, p. 105).

E dessa forma, sufocados pela imagem que o branco europeu colonial impôs em si, demonizando-o para justificar seus atos perversos, por seus trabalhos forçados durante todo o dia e até tarde da noite, aculturando e punindo apenas por um racismo sadista, estupro, matança, doenças, subalimentação, preconceito de cor e todas as outras finitas violências coloniais, eles explodem em agosto de 1791, em um ritual Vodou no alto de uma montanha em meio a floresta e em noite de tormenta o destino do Haiti foi decidido. Ali se deu o juramento de liberdade que foi a amálgama que fundiu todos os escravos haitianos. James (2010) registra em sua obra a oração que o líder Boukman proferiu naquela noite:

O deus que criou o sol que nos dá à luz, que levanta as ondas e governa as tempestades, embora escondidos nas nuvens, observa-nos. Ele vê tudo o que o branco vê. O deus do branco o inspira ao crime, mas o nosso deus nos pede para realizarmos boas obras. O

nosso deus que é bom para conosco, ordena- nos que nos vingamos das afrontas sofridas por nós. Ele dirigirá nossos braços e nos ajudará. Deitai fora o símbolo do deus dos brancos que tantas vezes nos fez chocar, e escutai a voz da liberdade, que fala para os corações de todos nós (Boukman, 1791 apud James, 2010, p. 93).

As observações de Hurbon em relação ao Vodou designam esse culto como “solução de sobrevivência para o povo haitiano, visto que o ajuda a tomar consciência de si mesmo e a garantir-se contra a existência infeliz, recusando as rupturas no enredo do mundo” (Hurbon, 1987, 12). Dá-se, então, o início da Revolução haitiana e no momento em que a rebelião eclode, ela é violenta, sangrenta e imperdoável. O que se segue é uma revolução com bases organizacionais de guerra e crueldade extrema, os rebeldes incendiavam os canaviais, matavam os senhores e em determinadas situações, suas famílias, exterminaram as patrulhas e acampamentos de tropas coloniais, obrigando os senhores se esconderem em regiões costeiras, como Hurbon expõe em seu livro *O deus da resistência negra: o vodou haitiano*,

Reconstituíram a solidariedade étnica, recriavam suas tradições antepassadas e redescobriram a unidade espiritual para melhor afrontar os senhores brancos. É aí, nessas comunidades de resistência, que se constrói a consciência e autonomia política e cultural dos escravos. Nessa época é o Vodou que realiza a coesão dos escravos, impelindo-os à luta contra o domínio dos brancos [...] uma cerimônia vodou, célebre na história do país, representou o engajamento definitivo dos negros na luta pela independência. Nessa ocasião, foi selado pacto de sangue pelo qual os escravos comprometiam-se a exterminar os brancos e criar comunidade autônoma (Hurbon, 1987, p. 68).

Pode-se compreender melhor a desconstrução da concepção colonial no colono, e quando essa descolonização do pensamento vira ações, como colocado por Fanon, Então o colonizado descobre que sua vida, sua respiração, as pulsações de seu coração são as mesmas do colono. Descobre que uma pele de colono não vale mais do que uma pele de indígena. Essa descoberta introduz um abalo essencial no mundo. Dela ocorre toda e nova revolucionária segurança do colonizado. Se, com efeito, minha vida tem o

mesmo peso do que a do colono, seu olhar já não me fulmina, não me imobiliza mais, sua voz já não me petrifica. Não me perturbo mais em sua presença. Na verdade, eu o contrário. Não somente sua presença deixa de me intimidar como também já estou pronto para lhe preparar emboscadas que dentro de pouco tempo não lhe restará outra saída senão a fuga. (Fanon, 1968, p. 23).

E assim, é chegada ao fim a única rebelião a obter êxito em grande escala. Mais de cem mil habitantes da ilha foram mortos, deixando poucas partes do território sem marcas da destruição. A rebelião dos negros causa grande repercussão imediata em todo o mundo, especialmente em colônias escravistas que fez despertar a chama abolicionista, impactando repentinamente nas relações diplomáticas com as nações imperialistas escravagistas, que tomaram medidas para deter a recém proclamada República haitiana e intensificarem o enrijecimento das políticas escravistas, procurando buscar dificuldades para o mais novo país declamado independente, que muito sofreu para receber legitimação e continuar livre, inclusive a França que logo depois, ousa enviar governadores e delegados para tentar manobrar o caos e instalar uma “conciliação” entre brancos e os homens livre de cor, cujo maior interesse era igualar-se aos brancos em direitos e oportunidades, mas de nada adiantou.

Dessa forma, Jean Jacques Dessalines passou a ser o líder dos antigos escravizados, algo que ele mesmo era, da revolução após a morte de Toussaint. A última batalha da rebelião haitiana ocorreu em 04 de dezembro de 1803, quando o restante do exército colonial francês de Napoleão Bonaparte se rendeu às forças Dessalines que tinha como slogan de campanha “liberdade ou morte! ”. Com a derrota dos franceses, a rebelião termina no campo de batalha. Dessalines anunciou a Declaração de Independência em primeiro de janeiro de 1804, a qual é considerada oficial e declarando-se Imperador do Haiti, noticiando que:

Paz em nossos vizinhos, mas anátema no nome do francês! Ódio eterno pela França! Este é o nosso grito. Nativos do Haiti, meu destino era um dia ser a sentinela que vigiava o ídolo a quem você se sacrificava. Eu assisti e lutei, às vezes sozinho, e se tive a sorte

de colocar em suas mãos o objeto sagrado que você me confiou, agora cabe a você preservá-lo. Lutando por sua liberdade, trabalhei para minha própria felicidade. [...] Gerais e chefes, reunidos perto de mim para a felicidade de nosso país, chegou o dia, o dia que tornará nossa glória eterna: nossa independência. [...] tenha em mente que eu sacrifiquei tudo por sua defesa: pais, filhos, fortuna, e agora eu sou rico apenas em sua liberdade; que meu nome se tornou um horror para todos aqueles povos que querem a escravidão e que os tiranos só falam de mim quando amaldiçoam o dia em que nasci. E se você recusar ou reclamar as leis que o gênio que cuida do seu destino me dita para a sua felicidade, você merecerá o destino dos povos ingratos. Mas longe de mim esta ideia horrível. Você será o suporte da liberdade que você ama e o apoio do chefe que comanda você. Pegue o voto de viver livre e independente [...] finalmente, juro perseguir para sempre os traidores e os inimigos de sua independência. (Ardouin, 1832, p. 132).

E assim, é chegada ao fim a única rebelião a obter êxito em grande escala. Mais de cem mil habitantes da ilha foram mortos, deixando poucas partes do território sem marcas da destruição. A rebelião dos negros causa grande repercussão imediata em todo o mundo, especialmente em colônias escravistas que fez despertar a chama abolicionista, impactando repentinamente nas relações diplomáticas com as nações imperialistas escravagistas, que tomaram medidas para deter a recém proclamada República Haitiana e intensificarem o enrigecimento das políticas escravistas, procurando buscar dificuldades para o mais novo país declamado independente, que muito sofreu para receber legitimação e continuar livre. Como afirma Fanon (1968), a destruição de um mundo colonial não é apenas abolir uma zona escravagista e sim, um enterro profundo de relações ou uma expulsão territorial.

A violência que presidiu ao arranjo do mundo colonial, que ritmou incansavelmente a destruição das formas sociais indígenas, que arrasou completamente os sistemas de referências da economia, os modos da aparência e do vestuário, será reivindicada e assumida pelo colonizado no momento em que, decidindo ser a história em atos a massa colonizada se engolfar nas cidades interditas. Fazer explodir o mundo colonial é doravante uma imagem de ação muito clara, muito compreensível e que pode ser

retomada por cada um dos indivíduos que constituem o povo colonizado. Desmanchar o mundo colonial não significa que depois da abolição das fronteiras se vão abrir vias de passagem entre as duas zonas. Destruir o mundo colonial é, nem mais nem menos, abolir uma zona, enterrá-la profundamente no solo ou expulsá-la do território. (Fanon, 1968, p. 30).

A independência da colônia de São Domingos representou um intenso golpe para o sistema colonial e uma irreparável perda para a metrópole. Pois, de acordo com Fanon (1968, p. 33) ao “dar-se conta da impossibilidade de manter seu domínio nos países coloniais, a burguesia colonialista resolve iniciar um combate de retaguarda no terreno da cultura, dos valores, das técnicas etc.” Tornava-se necessário, assim, proceder ao desdém da vitória, arduamente conquistada pelos haitianos. De acordo com Gates. (2014),

[...] o resto do mundo não estava interessado em dar as boas-vindas ao Haiti. Na realidade, a luta do Haiti para se fundar como Estado independente estava apenas começando. Praticamente todo o mundo ocidental aliou-se para sufocar a nova república no berço. Mesmo quando não se entendiam entre si, a França, a Inglaterra e os Estados Unidos uniam forças contra o Haiti. Recusavam-se a reconhecê-lo como uma nação legítima. A simples lembrança do Haiti era uma ameaça grande demais [...] Esses países não podiam permitir que o exemplo do Haiti motivasse outros negros no Caribe, na América Latina e, principalmente, no sul dos Estados Unidos, a lutar para libertar-se da escravidão. Entretanto, é claro que o exemplo da revolução teve exatamente esse efeito. (Gates., 2014, p. 239).

Cria-se, a partir de então, um mecanismo ideológico contínuo e eficaz, que se expandiu no tempo e no espaço. A Revolução do Haiti, abundante sua singularidade como repercutiu em todo o mundo colonial. A rebelião haitiana representa, não só o marco fundante da nação, mas, sobretudo, dos estímulos que lhe acompanhariam.

A revolução haitiana estende-se em meados de 1791 até fins de 1803. Foi uma luta

agudamente desigual, e talvez por isso, épica. As massas escravizadas, ao se levantarem, não dispunham de muito mais que um nobre e justo desejo de liberdade. Os revolucionários, com o propósito de estabelecer uma relação de proximidade ao posicionamento de Genovese (1983, p. 95), “refaz o mundo”, de modo a provocar uma incisão considerável nas estruturas coloniais. Opera-se, em certa medida, a insurreição da ordem nos limites da ilha, uma vez que o negro, considerado bestial e desumano por um sistema brutal de exploração, toma o lugar do branco, tornando-se, em alguns casos, seu senhor. Assim, numa perspectiva colonialista, com o declínio da colônia de São Domingos, a ordem dá lugar à des-ordem. O imaginável se instala à medida que, conforme Popkin (2008, p. 295), “a preservação da identidade branca, hegemônica, é desafiada”.

Considerações Finais

A análise de *Os Jacobinos Negros*, de Cyril Lionel Robert James, permitiu compreender que o alvorecer da liberdade haitiana não representa apenas um episódio inaugural da independência de uma colônia francesa, mas um marco universal da luta por emancipação humana. James resgata a Revolução Haitiana de uma condição de silêncio historiográfico (Trouillot, 1995) e a inscreve no mesmo patamar das grandes revoluções modernas, revelando que homens e mulheres escravizados foram protagonistas de um processo que transformou radicalmente os sentidos de liberdade, cidadania e igualdade. Consta-se que o autor desloca o eixo interpretativo da modernidade: se a Revolução Francesa simbolizou os ideais de liberdade e igualdade, foi no Haiti que tais ideais se realizaram em sua forma mais radical (Fischer, 2004; Gilroy, 1993). Assim, o “alvorecer” não é apenas cronológico, mas também simbólico, pois inaugura uma nova gramática política, situada na intersecção entre raça, colonialismo e luta de classes.

Do ponto de vista teórico, os resultados demonstram que a leitura de James se articula às discussões contemporâneas sobre colonialidade e decolonialidade (Quijano, 2005; Mignolo, 2011), além de dialogar com reflexões atuais sobre necropolítica e memória negra (Mbembe, 2017; Ferreira Da Silva, 2019). A obra se mantém atual porque projeta a Revolução Haitiana como horizonte de liberdade ainda em disputa, especialmente diante do racismo estrutural e das persistentes formas de exclusão.

Por fim, o ensaio evidencia que pensar o “alvorecer da liberdade haitiana” é também

pensar sobre as condições de possibilidade de uma modernidade alternativa, na qual os sujeitos negros e colonizados não são meros apêndices da história, mas protagonistas da construção de um mundo plural. Nesse sentido, James oferece não apenas uma interpretação histórica, mas também uma inspiração política e epistemológica para os debates contemporâneos sobre justiça, liberdade e dignidade.

Referencias bibliográficas:

- Ardouin, B. (1832). *Geografía da ilha do Haiti, precedida da precisão e da data dos eventos mais marcantes de sua história*. Porto Príncipe: Impr. du Gouvernement.
- Bhabha, H. (1998). *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG.
- Castañeda, D. (2017). O grande Caribe – Área fundacional do continente americano – Contribuição histórica de suas principais singularidades. In C. Martínez et al. (Orgs.), *O Caribe: espaço estratégico na América Latina* (pp. 70–76). Florianópolis, SC: Ed. Insular.
- Césaire, A. (1971). *Discurso sobre o colonialismo* (C. S. Pereira, Trad.). Lisboa: Po-veira.
- D’Adesky, J. (2001). *Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismos e anti-racismos no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas.
- Demo, P. (1987). *Introdução ao ensino da metodologia da ciência* (2. ed.). São Paulo: Atlas.
- Dussel, E. (1993). *1492: O encobrimento do outro: A origem do mito da modernidade* (J. A. Clasen, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Fanon, F. (1952). *Peau noire, masques blancs*. Paris: Éditions du Seuil.
- Fanon, F. (1968). *Os condenados da terra* (J. L. de Melo, Trad.; J.-P. Sartre, Pref.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Ferreira da Silva, D. (2019). *Unpayable debt*. London: Sternberg Press.
- Fischer, S. (2004). *Modernity disavowed*. Durham: Duke University Press.
- Gates, H. L., Jr. (2014). *Os negros na América Latina* (D. M. Garschagen, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

- Genovese, E. D. (1983). *A terra prometida: O mundo que os escravos criaram*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gilroy, P. (1993). *The Black Atlantic*. London: Verso.
- Hurbon, L. (1987). *O Deus da resistência negra: O vodu haitiano* (V. Tenório, Trad.). São Paulo: Paulinas.
- James, C. L. R. (1938). *The Black Jacobins: Toussaint L'Ouverture and the San Domingo Revolution* (1st ed.). London: Secker & Warburg.
- James, C. L. R. (1963). *The Black Jacobins: Toussaint L'Ouverture and the San Domingo Revolution* (2nd ed., with new preface and appendix "From Toussaint L'Ouverture to Fidel Castro"). New York: Random House.
- James, C. L. R. (1980). *The Black Jacobins: Toussaint L'Ouverture and the San Domingo Revolution* (3rd ed., with new preface). London: Allison & Busby.
- James, C. L. R. (2000). *Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos* (A. T. Filho, Trad.). São Paulo: Boitempo.
- James, C. L. R. (2010). *Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos*. São Paulo: Boitempo.
- Mbembe, A. (2017). *Necropolítica*. São Paulo: n-1 Edições.
- Mignolo, W. (2011). *The darker side of Western modernity*. Durham: Duke University Press.
- Popkin, J. D. (2008). Uma revolução racial em perspectiva: Relatos de testemunhas oculares da insurreição do Haiti. *Varia Historia*, 24(39), 293–310.
- Quijano, A. (2005). *Colonialidade do poder*. Buenos Aires: CLACSO.
- Scaramal, E. dos S. T. (2006). *Haiti: Fenomenologia de uma barbárie*. Goiânia: Cãnone Editorial.
- Trouillot, M.-R. (1995). *Silencing the past: Power and the production of history*. Boston: Beacon Press.